

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras

Pablo do Couto Corroche

Uma análise sobre a manifestação da loucura na obra Hamlet, Príncipe
da Dinamarca, de William Shakespeare

Porto Alegre, Julho de 2013.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras

Pablo do Couto Corroche

Uma análise sobre a manifestação da loucura na obra Hamlet, Príncipe da Dinamarca, de William Shakespeare

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras Português e Literatura Portuguesa.

Profª. Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva
Orientadora

Porto Alegre, Julho de 2013.

Uma análise sobre a manifestação da loucura na obra Hamlet, Príncipe da Dinamarca, de William Shakespeare

Resumo

A loucura aparece abundantemente na literatura ao longo da história, mas é em Hamlet, de William Shakespeare, que o seu confronto com a razão ganha uma das mais belas e dramáticas leituras. Este trabalho tem por objetivo investigar as relações da insanidade com os principais personagens da peça de Shakespeare, bem como identificar a tentativa da razão de interditá-la. Antes de estabelecer os limites entre loucura e razão, propomos outro olhar, menos maniqueísta, onde as duas se misturam e dividem a responsabilidade pelas atitudes das personagens na peça.

Palavras-chave: Loucura, razão, Shakespeare, Hamlet.

Abstract

Insanity appears abundantly in literature over time. But it is in Hamlet, William Shakespeare, that its confrontation with rationality gets one of the most beautiful and dramatic readings. This study aims to investigate the relationship of the insanity with the main characters of Shakespeare's play, as well as we identify the attempt to the reason interdicts it. Before we establish the boundaries between madness and reason, we propose another look less manichean, where both are mix and share themselves the responsibility for the attitudes of the characters in the literary.

Keywords: Insanity, rationality, Shakespeare, Hamlet.

SUMÁRIO

CAPA	
FOLHA DE ROSTO	1
RESUMO	2
SUMÁRIO	3
1. INTRODUÇÃO	4
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E DESENVOLVIMENTO	6
2.1. OS DELÍRIOS DE OFÉLIA	20
2.2. A LINGUAGEM LOUCA EM HAMLET	24
2.3. OUTROS LOUCOS EM SHAKESPEARE E SUA RELAÇÃO COM HAMLET	26
2.3.1. SHYLLOCK, O MERCADOR DE VENEZA	26
2.3.2. CATARINA, A MEGERA DOMADA	26
2.4. A NATUREZA CONTRADITÓRIA DA LOUCURA	27
2.5. LOUCURA X RAZÃO EM HAMLET	32
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
4. REFERÊNCIAS	34

1.Introdução

A obra de Shakespeare é rica em personagens que, pelo menos em algum momento de sua trajetória, estão relacionados diretamente ou indiretamente com a loucura. Não podemos nos esquecer, no entanto, que a humanidade como um todo presencia, ao final da Idade Média, intensas modificações em sua forma de pensar e agir. Como a loucura parece que sempre esteve relacionada ao desvio da norma - ou seja, à fuga ao que fora estabelecido pelos grupos sociais com poder para definir os padrões a serem seguidos - esta é uma época em que diferentes tipos de insanidade surgiam abundantemente.

Ainda hoje não há unanimidade quanto ao conceito de loucura. Popularmente atribui-se o termo a comportamentos que fogem àqueles estabelecidos por nossa sociedade, através dos tempos. No entanto, é conveniente lembrar que muitos destes “desvios” levaram a importantes descobertas e quebra de paradigmas ao longo da história.

Como dito antes, não é nenhuma novidade o fato de a maneira como é vista a loucura ser diversa ao longo dos séculos, sendo assim, não nos deteremos aqui a fazer um minucioso estudo a este respeito, basta-nos citar alguns exemplos clássicos na literatura. Ela está presente nos devaneios de Dom Quixote, em sua empreitada louca na busca de valores já ultrapassados. É nítida na falta de identidade e extrema liberdade experimentada por Gurdulu, em O cavaleiro inexistente, de Ítalo Calvino, que corre livre de aldeia em aldeia sem se preocupar em ser ou ter um nome, e que nos surpreende quando entra em contato com um cavaleiro que não existe, mas possui uma identidade definida. É em Hamlet, no entanto, que esta loucura é tornada demasiadamente angustiante. A luta que o príncipe, comprometido com a razão, trava contra as pessoas que o cercam, por estas se distanciarem de um comportamento racional, nos deixa em dúvida: se Hamlet representa a razão e a razão então é minoria, o louco então não seria ele, ou nós que acreditamos nele?

Poderíamos então nos perguntar se não seria possível dar-se o inverso, que a maioria das pessoas estivesse mergulhada em algum tipo de loucura, ao passo que a lucidez estivesse restrita a alguns momentos e em algumas pessoas apenas.

Este trabalho nasce de uma reflexão a partir da loucura e de questões como estas, não tem por objetivo encontrar respostas.

É evidente quando analisamos a literatura sobre Hamlet, como por exemplo, em Hamlet, poema ilimitado, de Harold Bloom, que ele é considerado como personagem de grande racionalidade. De fato, parece não haver na literatura personagem mais racional do que ele, não desejamos refutar esta hipótese, mas sim lembrar que mesmo nele alguns traços de loucura podem aparecer.

Acompanharemos, pois, a trajetória de Hamlet, que assim como os loucos medievais, embarca em uma nau simbólica e põem-se à procura da razão.

2. Revisão bibliográfica e desenvolvimento

William Shakespeare é, sem sombra de dúvidas, um dos grandes nomes do cânone da literatura mundial. Suas obras são, ainda hoje, objeto de estudos e parecem não parar de nos surpreender a cada dia. Cumprem assim seu papel entre os clássicos, entre as obras que parecem não perder a vitalidade e a capacidade de abordar temas sempre atuais.

Ao escolhermos estudar a loucura em Shakespeare como tema deste trabalho, no entanto, procuraremos ter cuidado para não cair na armadilha de que fala Bárbara Heliodora em sua obra, *A expressão dramática do homem político em Shakespeare*, e não tentar atribuir ao escritor ideias previamente estabelecidas, antes da leitura atenta de sua obra.

Não desconhecemos os percalços da busca de um corpo de idéia - de qualquer natureza - na obra de William Shakespeare; porém sabemos que costumam eles ser tão mais graves quanto mais o pesquisador parte de idéias suas que deseja impingir ao autor: poucos autores terão tido sucesso tão integral em criar, a um tempo, uma obra tão vasta e individual e uma barreira tão eficiente contra as identificações fáceis entre a obra escrita e a personalidade de quem escreveu.

(Heliodora, Bárbara, *A expressão dramática do homem político em Shakespeare*, 1978, página 19)

Ainda sobre Shakespeare, Antonio Candido, no prefácio que fez ao mesmo livro de Heliodora, ressalta que havia um grande princípio que vinha da Idade Média e que é marcante na obra do autor.

Todas as noções eram referidas ao grande princípio explicativo, que vinha da Idade Média e ainda reinante no século XVI, sobre a ordem geral do universo, o encadeamento total dos seres e das coisas, desde o átomo até Deus, que o bom governo apoiava e o mal perturbava.

(Candido, Antonio *in* *A expressão dramática do homem político em Shakespeare*, de Bárbara Heliodora, 1978, página 15)

Aqui cabe salientar que partiremos exatamente deste ponto para analisar a loucura em Shakespeare, a insanidade como resultado justamente do desequilíbrio, da desordem que se instaura na sociedade e é capaz de envolver a todos que fazem parte desde mundo louco.

A escolha de *Hamlet, Príncipe da Dinamarca*, para este trabalho se deve ao fato de esta peça apresentar muitos símbolos relacionados à loucura. Na obra de Shakespeare não são poucas as referências ao tema, mas é em Hamlet que o embate entre loucura e razão é mais acirrado.

A história de Hamlet povoava o imaginário europeu há muito tempo; Cunha Medeiros diz que, foi um dinamarquês no século XII, Saxo Grammaticus, quem contou a história de Hamlet, no terceiro livro de sua compilação *História Danica*. François de Belleforest publica suas *Histoires Tragiques* em 1576, entre as quais está a história de Hamlet. A peça de Shakespeare foi registrada no *Stationers' Register*, a 26 de julho de 1602, e impressa em 1603. No entanto, acredita-se que a data de composição fique entre 1601 e 1602.

O dicionário Houaiss da língua portuguesa traz as seguintes definições para o termo loucura: 1 distúrbio, alteração mental caracterizada pelo afastamento mais ou menos prolongado do indivíduo de seus métodos habituais de pensar, sentir e agir 2 sentimento ou sensação que foge ao controle da razão 2.1 paixão, gosto desmedido por alguém ou por algo 3 ato ou fala extravagante, que parece desarrazoado; atitude, comportamento que denota falta de senso, de juízo, de discernimento 4 atitude imprudente, insensata 5 caráter de tudo que ultrapassa o convencional, de quanto foge às regras sociais 6 alegria extravagante, insana; desatino, desvario 7 caráter do que é extraordinário, excepcional, maravilhoso.

Em Hamlet, podemos identificar algumas destas definições, ou a maioria delas, distribuídas entre as personagens da obra. No entanto, o imaginário que povoa a mente das pessoas sobre a loucura, à época em que a obra foi escrita, é ainda mais vasto em histórias e imagens. Tentaremos recuperar algumas delas, todavia, é evidente que nos é impossível retratar com precisão o pensamento do homem dos séculos XVI e XVII.

Uma das principais imagens que podemos deslumbrar ao pesquisarmos sobre o assunto é a relação entre a loucura e a água, Foucault diz que:

a água e a loucura estarão ligadas por muito tempo nos sonhos do homem europeu.

(Foucault, Michel, História da Loucura (1978), p.12)

É pela água que navegam as grandes embarcações cheias de loucos, tão comuns na Idade Média, é nela também que comete o suicídio, o mais alto grau de loucura, a jovem Ofélia, ao jogar-se no lago.

Em Shakespeare, a natureza é sempre presente e assume grande relevância nas principais questões que envolvem as personagens. Com o mar e a loucura não é diferente, e é neste contexto que o Rei Cláudio conclui que:

“Talvez os diferentes mares e países, com sua variedade de objetos, expulsem esse não sei quê tão tenazmente arraigado no seu coração, contra o qual continuamente se choca o cérebro, fazendo-o ficar fora de si.”

(Hamlet, W. Shakespeare, p. 255.)

Os loucos viajavam por muitos lugares a bordo destas naus, saíam pelo mundo em busca da restituição de sua razão. Esta ideia era tão corrente na época que se faz presente também na literatura produzida. É uma viagem para a Inglaterra que é preparada pelo Rei Cláudio e destinada ao sobrinho, Hamlet, quando aquele desconfia que este está perdendo a razão; uma viagem capaz de restituí-lo ao convívio dos sãos.

“Prevenindo semelhante perigo, tomo uma pronta determinação: vou enviá-lo a toda pressa para a Inglaterra, a fim de reclamar nossos tributos atrasados.

(Hamlet, W. Shakespeare, p. 255; o Rei Cláudio planeja enviar Hamlet para a Inglaterra, em busca da cura à sua suposta loucura.)



Quadro: A cura da Loucura de Bosch (1475-1480).

A partir do fim da Idade Média, a figura do louco começa a receber novas significações. Segundo Foucault (1978 p. 14), ela assume um lugar central no teatro, como aquela que detêm a verdade; deixa de ser a silhueta ridícula e familiar. “Se a loucura conduz todos a um estado de cegueira onde todos se perdem, o louco, pelo contrário, lembra a cada um sua verdade; na comédia em que todos enganam aos outros e iludem a si próprios.” E é este discurso do louco que parece assustar, como fica claro nas palavras do Rei Claudio a Polônio, quando diz “*A loucura dos grandes precisa ser vigiada.*”

Verdade que também é atribuída à loucura por Erasmo, fazendo-na falar, “sou em toda parte tão semelhante a mim mesma que ninguém poderia me ocultar, nem mesmo os que querem desempenhar o papel de sábios e que mais desejam ser tidos como tais.” E continua, “em verdade, essa espécie de homens é muito ingrata comigo! Eles são os fiéis de meus súditos, no entanto têm tanta vergonha de usar meu nome em público que chegam até a reprová-lo nos outros, como um sinal de desonra e de infâmia.” (1978 p. 14)

Esta diferença no tratamento dado à loucura já fora relatada de forma mais detalhada por Foucault:

Presente na vida quotidiana da Idade Média, e familiar a seu horizonte social, o louco, na Renascença, é reconhecido de outro modo; reagrupado, de certa forma, segundo uma nova unidade específica, delimitado por uma prática sem dúvida ambígua que o isola do mundo sem lhe atribuir um estatuto exatamente médico. Torna-se ele objeto de uma solicitude e de uma hospitalidade que lhe dizem respeito, a ele exatamente e a nenhum outro do mesmo modo.

(Foucault, Michel, *História da Loucura* (1978), p.121)

Foucault continua ainda, afirmando que

O que caracteriza o século XVII não é o fato de haver ele avançado, menos ou mais rapidamente, pelo caminho que conduz ao reconhecimento do louco...é, pelo contrário, o fato de tê-lo distinguido com menos clareza; de certo modo, o louco foi absorvido numa massa indiferenciada.

(Foucault, Michel, *História da Loucura* (1978), p.12)

Também não podemos ignorar que há na obra de Shakespeare uma disputa pelo poder, que em Hamlet chega ao fratricídio. Ora, sendo assim, não causa espanto que o Rei Cláudio, acobardado pelo sobrinho, tente desacreditar seu discurso, enlouquecendo-o, afinal, como já foi dito antes, *a loucura dos grandes precisa ser vigiada*. Sobre a interdição do discurso, comum a todas as sociedades, podemos ler o que nos diz Foucault:

suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

(Foucault, *A ordem do discurso*, p. 9, 1971)

A morte, que aterrorizou por muito tempo o homem medieval, agora ganha uma rival, a loucura; as discussões sobre o vazio da existência humana intensificam-se, esta morte não é mais restrita a um derradeiro momento, mas, como diz Foucault (1978 p. 16), “a aniquilação da morte não é mais nada, uma vez que já era tudo, dado que a própria vida não passava de simples fatuidade, palavras inúteis, barulho de guizos e matracas. A cabeça que virará crânio já está vazia. A loucura é o já está-aí da morte.”

Para Foucault (1970 p. 10), “desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância...” O autor continua chamando atenção para o fato de que na Europa a palavra do louco não era ouvida, mas quando era ouvida, era escutada como a palavra de verdade. Para ele, era através das palavras se reconhecia a loucura do louco, esta só era ouvida no teatro, onde, simbolicamente, estava ligada à verdade mascarada.

Shakespeare parecia saber bem disso, tanto que nos apresenta em seu teatro um Hamlet que busca incessantemente a verdade sobre a humanidade, mas também o teatro precisa ter consciência de que é o lugar onde o louco pode profetizar a sua verdade, e é assim que, também sob a falsa máscara da loucura, Hamlet prepara um espetáculo para desmascarar o tio e agora rei, desvelando diante do público a verdade sobre o assassinato do pai.

O mundo, e sobretudo a vida, para Hamlet, adquirem novos sentidos, as dúvidas sobre as verdades até então sacramentadas pelos homens marcam a sua existência. Foucault (1978 p. 18) destaca que a ascensão da loucura, a época do Renascimento, é marcada na arte por uma abundância de significações, de uma multiplicação do sentido por ele mesmo. Assim sendo, o sentido não é mais lido numa percepção imediata, a figura deixa de falar por si mesma, há uma proliferação de sentidos.

Para Erasmo, a loucura é filha de Pluto, deus grego da riqueza, cegado por Zeus. Em Hamlet a loucura parece partir desta premissa, instala-se a partir do momento em que o trono é usurpado por um assassino, o pai da loucura apronta das suas novamente, beneficiando um fraticida. A ordem natural das coisas é perturbada, o lugar sagrado do rei é profanado, o equilíbrio social é ameaçado.

A desordem é tamanha que o espectro do rei morto precisa voltar, clamando por vingança:

“Não permitas que o leito real da Dinamarca seja um tálamo de luxúria e maldito incesto! Mas, de qualquer modo que realizares tua vingança, não contamine teu espírito, nem deixes que tua alma trame qualquer dano contra tua mãe.”

(Hamlet, W. Shakespeare, p. 224)

A conclusão do filho é que o mundo realmente enlouquecera:

“Lembrar-me de ti! Sim, tu, pobre espectro, enquanto a memória tiver assento neste mundo enlouquecido! Lembrar-me de ti!”

(Hamlet, W. Shakespeare, p. 224)

O Espectro retorna com a função de restituir a ordem social, é o povo da Dinamarca, representado pela família real, que precisa voltar a seguir os passos da razão. Quando o novo rei critica o jovem Hamlet, lembrando que seu luto é um delito contra a natureza, uma ofensa à razão, ele mesmo, antes de ser revelado como assassino, já atacou a ordem casando-se com a esposa do irmão. A respeito disso, vale ressaltar que a experiência e noção de loucura que os europeus experimentavam à época da cultura clássica sofria diversas mudanças. Transformações que já eram sentidas, mas ainda não bem discutidas no tempo de Shakespeare, muitas vezes associadas à sexualidade, que foram recuperadas ao longo do século XVII, como diz Foucault:

Com efeito, há certas experiências que o século XVI havia aceitado ou recusado...e que agora o século XVII vai retomar... É possível resumir essas experiências dizendo que elas todas dizem respeito à sexualidade em suas relações com a organização da família burguesa, seja na profanação em seus relacionamentos com a nova concepção do sagrado e dos ritos religiosos, seja na “libertinagem”, entre o pensamento livre e o sistema das paixões.

(Foucault, Michel, História da Loucura (1978), p.83)

A ofensa é tanta que Hamlet chega a pensar até em cometer o maior dos desatinos:

“Oh! Se esta sólida, completamente sólida carne pudesse ser derretida, ser evaporada e dissolvida num orvalho! Por que o Eterno fixou suas leis contra o suicídio?”

(Hamlet, W. Shakespeare, p. 210)

Foucault (1978, p.24) acredita que a loucura só existe em cada homem porque este se apega a si mesmo e alimenta ilusões. Neste sentido o rei Cláudio também é um pouco louco, apontando o caminho a ser seguido por Hamlet, o caminho da verdade, esquece-se que ele próprio não trilha esta estrada, desde que decidiu assassinar o próprio irmão e casar-se com sua esposa.

Ainda sobre Cláudio, pode-se observar nele também outro tipo de loucura, o amor-próprio relatado por Erasmo, é este amor que o leva a planejar o assassinato do irmão para roubar o seu lugar no trono.

“A propósito de minhas seguidoras, convém que vo-las apresente. A que mais observa ali com o ar arrogante é o *Amor-próprio*. A outra, com o rosto afável e as mãos prontas a aplaudir, é a *Adulação*.”

(Erasmo, Elogio da Loucura (2008), p.17)

Durante a Idade Média, o crime e a maldade estão intimamente ligados à loucura, Cláudio, e até mesmo o próprio Hamlet ao matar Polônio, se aproximam deste tipo de loucura.

Durante a Idade Média, e por muito tempo no decorrer da Renascença, a loucura estivera ligada ao Mal, mas sob a forma de transcendências imaginárias; doravante ela se comunica com ele pelas vias mais secretas da escolha individual e das más intenções...Não há exclusão entre a loucura e o crime, mas sim uma implicação que os une. O indivíduo pode ser um pouco mais insano, ou um pouco mais criminoso, mas até o fim a loucura mais extremada será assombrada pela maldade.

(Foucault, Michel, História da Loucura (1978), p.138)

A segunda seguidora, a *Adulação*, citada por Erasmo acima, também pode ser facilmente identificada em Hamlet, é personificada na figura de Polônio, o velho e fiel seguidor do Rei Cláudio. Polônio, assim como boa parte dos personagens da peça quando possuídos pela loucura, acaba sucumbindo, deixando-se aniquilar pela insanidade, pelo desejo exagerado de servir.

“Hamlet - Sim, senhora, foram as minhas palavras. (*Levanta a tapeçaria e descobre o cadáver de Polônio.*) E tu, miserável, temerário, intrometido imbecil, adeus! Eu Eu te tomei por alguém mais elevado do que tu; sofre tua sorte. Estás vendo como tem seus riscos ser tão excessivamente oficioso?”

(Hamlet, W. Shakespeare, p. 274 - momento em que Hamlet descobre o corpo de Polônio, a quem acabou de matar.)

Ainda sobre Polônio, é ele quem alerta para mais um tipo de loucura possível na obra, a loucura da juventude. O velho pai, com medo que o filho possa ser vítima deste tipo de

insanidade contrata Ronaldo, para que este se certifique que corre tudo bem com Laertes durante sua estadia em Paris, pois é comum aos jovens o contato com a insanidade.

Cuidado com isso e não passes daquelas loucuras, irresponsabilidades e deslizes comuns a todos e que se reconhecem como inseparáveis companheiros da juventude e da liberdade.

(Hamlet, W. Shakespeare, p. 228)

Sobre esta loucura que acomete a juventude, Erasmo dedica, em seu elogio, muitas linhas para explicá-la. É a própria Loucura que ganha voz e explica seus métodos:

Afasto dos jovens a sabedoria importuna e assim espalho sobre eles o feitiço sedutor dos prazeres.

(Erasmo, Elogio da Loucura, p. 21)

O mais curioso, no entanto, é que seja o velho Polônio quem se preocupe com este tipo de loucura, pois como Erasmo afirmava, os velhos, assim como os jovens são muito próximo em suas loucuras.

Além do mais, os velhos apreciam muito a companhia das crianças, e as crianças a companhia dos velhos; pois os deuses gostam de unir os semelhantes. De fato, se excetuarmos as rugas e o número dos anos, próprios da velhice, há dois seres que se assemelham mais que o velho e a criança?...a tolice, o esquecimento, a indiscrição, tudo contribui para formar entre essas duas criaturas uma semelhança perfeita.

(Erasmo, Elogio da Loucura, p. 23)

Sendo assim, a loucura não está no mundo, mas sim nos homens. Para Foucault, ela é a punição cômica do saber e de sua presunção, a ciência acaba se tornando também loucura, pelo excesso das falsas ciências.

“A loucura não diz tanto respeito à verdade e ao mundo quanto ao homem e à verdade de si mesmo que ele acredita distinguir.”

(Foucault, Michel, História da Loucura (1978), p.25)

Esta ideia, aliás, não é nova, como diz Erasmo em seu elogio, Sófocles já pensava sobre o assunto quando disse: *A vida mais agradável é a que transcorre sem nenhuma espécie de sabedoria.*

É deste excesso de saber, desta certeza de conhecimento comum aos homens, que às vezes foge e outras vezes se aproxima o jovem Hamlet, durante toda esta tragédia shakespereana. A dúvida, e não as certezas, povoam a mente do príncipe. Mesmo usando a máscara da loucura para enganar o tio, atitude através da qual Hamlet parece ter descoberto o melhor caminho para afastar-se da insanidade, resta saber se a confiança neste novo caminho não é também uma armadilha da filha de Pluto.

Hamlet então, veste a máscara da loucura para enganar o tio e revelar a verdade sobre o assassinato do pai, ao fingir-se de louco é tratado como tal, é segregado do mundo dos sãos e condenado ao silêncio, fingindo perder o domínio do próprio corpo, está livre para agir, a loucura é usada para restituir a razão e, de certa forma, subvertendo o golpe de força, que como observa Foucault, é contra ela aplicado.

A loucura, cujas vozes a Renascença acaba de libertar, cuja violência porém ela já dominou, vai ser reduzida ao silêncio pela era clássica através de um estranho golpe de força.

(Foucault, Michel, História da Loucura (1978), p.45)

É preciso lembrar também que data desta época o princípio do processo de internação daqueles que são considerados insanos. Sobre isso, Foucault reserva boa parte da sua obra, A História da Loucura, para tecer relevantes comentários e um minucioso trabalho de pesquisa sobre o assunto.

A partir da criação do Hospital Geral, da abertura (na Alemanha e na Inglaterra) das primeiras casas de correção e até o fim do século XVIII própria do desatino. a era clássica interna. Interna os devassos, os pais dissipadores, os filhos pródigos, os blasfemadores, os homens que “procuram se desfazer”, os libertinos. E traça, através dessas aproximações estranhas cumplicidades, o perfil de sua experiência.

(Foucault, Michel, História da Loucura (1978), p.111)

Assunto que começava a ser corrente na sociedade da época e que não podia deixar de aparecer também em Shakespeare, é assim que Polônio aconselha ao Rei

Se a rainha não lhe conseguir arrancar o segredo, mandai-o para a Inglaterra ou confinai-o no lugar em que vossa sabedoria julgar mais prudente.

(Hamlet, W. Shakespeare, p. 210)

A figura do príncipe Hamlet, o homem racional, confundida com um louco, é o símbolo da desordem social que assola a Dinamarca naquele momento; a ponto de Marcelo proferir a célebre frase, “Há algo de podre no reino da Dinamarca”.

Foucault, falando sobre a função do internamento de pessoas no fim da Idade Média e início da Idade Moderna, diz que:

É evidente que o internamento, em suas formas primitivas, funcionou como um mecanismo social, e que esse mecanismo atuou sobre uma área bem ampla, dado que se estendeu dos regulamentos mercantis elementares ao grande sonho burguês de uma cidade onde imprimiria a síntese autoritária da natureza e da virtude. Daí a supor que o sentido do internamento se esgota numa obscura finalidade social que permite ao grupo eliminar os elementos que lhe são heterogêneos ou nocivos, há apenas um passo.

(Foucault, Michel, História da Loucura (1978), p.79)

Esta loucura aparece aí em uma de suas faces, ainda não estudada clinicamente, como temos hoje, mas como o problema social que era à época de Shakespeare.

Ignorada há séculos, ou pelo menos mal conhecida, a era clássica teria começado a apreendê-la (a loucura) de modo obscuro como desorganização da família, desordem social, perigo para o Estado.

(Foucault, Michel, História da Loucura (1978), p.80)

Hamlet, mesmo estando, aparentemente, com a razão é o elemento a ser excluído, a ameaça às normas sociais vigentes, sendo assim, é fácil concluir que quem está doente é a própria Dinamarca, a sociedade, e não o príncipe.

Mas até que ponto Hamlet pode realmente ser considerado louco neste momento? Qual seria o limite entre razão e loucura nesta situação? Se considerarmos o pensamento de estudiosos

da época como Montaigne, por exemplo, dificilmente chegaríamos a esta conclusão. Como nos relata do próprio Foucault, a visita de Montaigne ao sábio Tasso que enlouquecera foi capaz de suscitar inúmeros debates sobre os limites entre razão e loucura; limites estes que Descartes tentou especificar com maior precisão em sua obra.

A respeito do que Descartes explanou sobre o assunto, não se pode deixar de citar a célebre discussão travada entre Derrida e Foucault. Para Foucault, o sujeito meditador não pode ser louco, pois realiza o Cogito, pensa; formula hipóteses; se coloca no processo da dúvida de forma propositada. Para ele, a loucura desqualifica o sujeito que medita, impedindo-o de realizar o processo. Já Derrida, não acredita que há para Descartes uma exclusão da loucura do pensamento, para ele é no sonho, não na loucura, onde a totalidade das ideias de origem sensível se torna suspeita.

Para Foucault o sonho tem maior significância devido ao fato de que é por meio dele que o sujeito coloca-se a meditar. Porque o sonho pode me acontecer (a loucura não) que há mobilidade no processo da dúvida.

(Vandresen, Daniel, A Loucura e o Cogito de Descartes, p.45)

A loucura em Hamlet, assim como nas gravuras de Bosch e Brueghel, também é revelada por um ser onírico, é preciso que o espectro do velho rei volte ao convívio dos vivos e alerte ao filho. No entanto, a revelação não pode ser feita a qualquer um, Horácio e os outros soldados foram capazes de distinguir a figura do rei, mas não puderam entender o seu verdadeiro significado. Cabe a Hamlet a percepção dos fatos e a busca pela razão. Percepção esta que o príncipe começa a buscar, e parece acreditar possuir, logo no início da obra:

“E na verdade, muito embora sejam altas nossas virtudes, esses excessos tiram de nossas façanhas a flor e a nata de sua glória. Assim acontece com os homens que possuem algum estigma vicioso por natureza, seja por nascimento (no que não são culpados, pois a natureza os impede de escolher seus pais), seja por causa de algum instinto, que habitualmente atira por terra os parapeitos e valados da razão...”

(Hamlet, W. Shakespeare, p. 219)



Quadro de Bruegel: Mundo em desordem, tomado por seres oníricos.

Porém, o próprio Hamlet, ao deparar-se com a figura do espectro revelador do pai, reconhece a impossibilidade humana de livrar-se totalmente da loucura e chegar à verdade.

“E nós, pobres joguetes da natureza, precisamos contemplar nosso ser tão horripilantemente agitado com pensamentos além do alcance de nossas almas?”

(Hamlet, W. Shakespeare, p. 220)

Sendo assim, como disse Foucault (1978, p. 33), a loucura passa a ser uma das partes da razão, integrando-se a ela, já que toda a verdade da razão consiste em fazer aparecer por algum momento a loucura que ela recusa.

Loucura que foi anunciada por Horácio, logo no início da peça, quando Hamlet decide ir ao encontro do misterioso espectro:

Meu senhor, e se assim vos atrai para as ondas, ou em direção do cume espantoso desse rochedo escarpado que avança pelo mar adentro e lá, assumindo alguma outra forma horrível, possa privar-vos do império da razão, arrastando-vos à loucura?

(Hamlet, W. Shakespeare, p. 220)

Seja como for, Hamlet está convencido de que ele deverá ser o responsável por colocar o mundo novamente nos eixos; basta saber se isso realmente é possível a um ser humano ou se é um sintoma da loucura que começa a se manifestar nele.

Oh! Vós todas, legiões celestiais! Oh! Terra! Que mais ainda? E precisarei acrescentar o inferno? Oh! infâmia! Detem-te, detem-te, meu coração! E vós, meus nervos, não fiqueis logo velhos, mantendo tenso todo o meu ser! Lembrar-me de ti! Sim, tu, pobre espectro, enquanto a memória tiver assento nesse mundo enlouquecido.

(Hamlet, W. Shakespeare, p. 224)

E conclui logo adiante:

O mundo está fora dos eixos. Oh! maldita sorte!... Por que nasci para colocá-lo em ordem!

(Hamlet, W. Shakespeare, p. 227)

Este mesmo Hamlet que acredita ser o detentor da razão, também é aquele que em diversos momentos titubeia, parece tocado pela loucura. Não podemos nos esquecer que ele é ainda muito jovem, e que mesmo que tenha tido uma rígida e sólida educação, é vulnerável a todas as oscilações de comportamento comuns aos de sua idade.

Podemos reconhecer nele a loucura da juventude que fala Erasmo:

E a idade que sucede a infância, que encantos não possui aos olhos de toda gente! Com que ardor não se esforçam por favorecê-la, por ajudá-la, por socorrê-la! Ora, quem dá a essa idade encantadora as graças que a fazem querida? Quem as concede, senão eu [a loucura]?

(Erasmo, Elogio da Loucura, p. 21)

Esta instabilidade presente em Hamlet, que o leva até mesmo em um ato impensado, a matar Polônio, que o escuta atrás de uma cortina, sem medir as consequências, também tem reflexos na vida de outros personagens. Ofélia, por exemplo, sofre muito, não só pelo assassinato do pai, mas também pelas mudanças de comportamento do amado, como fica explícito em sua fala, transcrita abaixo:

Oh! como é triste que um nobre espírito fique assim transtornado! A penetração do cortesão, a língua do estudioso, a espada do soldado, a esperança e a flor deste belo país, o espelho da moda, o molde da elegância, o alvo de todos os olhares, perdido, completamente perdido! E eu, a mais desgraçada e infeliz das mulheres que sugou o mel de suas doces promessas, tenho de contemplar agora aquele nobre e soberano entendimento, como harmoniosas campainhas fendidas, fora de tom e estrídulas e aquelas formas e feições incomparáveis de florida juventude, murchas pelo delírio. Oh! como sou desgraçada! Ter visto o que vi e ver agora o que vejo!

(Shakespeare, Hamlet, p. 255)

A perturbação de Ofélia é tanta, que ela própria chega à insanidade, como detalharemos melhor no item a seguir.

2.1. Os delírios de Ofélia

Rimbaud, ainda adolescente, escreve um fascinante poema em homenagem à Ofélia. Escolhemos este poema para começar a falar sobre a jovem porque foi escrito por um poeta que frequentemente tem a imagem ligada aos exageros, aos excessos, tão comuns àqueles que são marcados socialmente pelo estigma da loucura. Rimbaud, um “poeta louco”, que como os demais simbolistas, valoriza a emoção, os sentimentos, parece ter propriedade para descrever a alma perturbada e apaixonada de Ofélia.

II

“Ó pálida Ofélia! bela como a neve!

Sim, morreste, criança, e um rio te leve!

É que os ventos caindo dos grandes montes da Noruega

Te falaram baixinho da áspera liberdade;

É que um sopro, torcendo tua grande cabeleira,

Ao teu espírito sonhador levava estranhos ruídos;

Que teu coração ouvia o canto da natureza inteira

Nos lamentos da árvore e nos suspiros doídos;

É que a voz dos mares loucos, grito agonizante,

Quebrava teu seio de criança, demais humano e doce;

É que uma manhã de abril, um belo cavaleiro andante,

Um pobre louco, mudo a teus joelhos sentou-se!

Céu! Amor! Liberdade! Que sonho, ó pobre Louca!

Derretias nele como neve com fogo ao lado;

Tuas grandes visões mataram a palavra da tua boca

- E o Infinito terrível assustou teu olho azulado!”

(Artur Rimbaud, Ofélia, 15 de maio de 1870)

Ao saber da morte do pai, que morrera pelas mãos do seu amado, Ofélia enlouquece. Fica louca por amor, mas também por ter que suportar a dura realidade de um mundo louco, um mundo terrível, do qual ela, doce donzela, ficara protegida por muito tempo. Como disse Rimbaud, em sua homenagem à moça, a natureza inteira cantava aos seus ouvidos; cantava um mundo horrendo, verdades insuportáveis, como fica claro na bela fala da Rainha, que narra o suicídio de Ofélia, meio a uma exuberante natureza, abundante em vida, mas que também pode levar à morte:

Inclinado nas margens de um arroio, levanta-se um salgueiro que reflete as esbranquiçadas folhas na corrente cristalina. Para lá se dirigiu, adornada com estranhas grinaldas de botões de ouro, urtigas, margaridas e com aquelas largas flores púrpuras às quais nossos licenciosos pastores dão um nome grosseiro, mas que nossas castas donzelas chamam de dedos de defunto. Ali trepou pelas ramagens pendentes para colher sua coroa silvestre, quando um pérfido ramo se desprende e, junto com seus agrestes troféus, foi cair no soluçante arroio. Suas roupas, a princípio, se espalharam e a sustentaram durante alguns instantes, como se fosse ela uma sereia. Enquanto isto,

cantava estrofes de antigas árias, como se estivesse inconsciente da própria desgraça, ou como ondina dotada pela natureza para viver no elemento próprio. Mas não poderia aquilo durar muito tempo e os vestidos embebidos tornaram-se mais pesados e arrastaram a desgraçada para uma morte lodosa, em meio de seus melodiosos cantos.

(Shakespeare, Hamlet, p. 301)

Foucault (1978, p. 38) identifica ainda um outro tipo de loucura, é aquela que vem da paixão desesperada, esta loucura que em Hamlet parece acometer Ofélia, após a desilusão em relação ao príncipe e o assassinato do pai, cometido pelo homem a quem ela amava.

Polônio, ao saber do amor que a filha sentira por Hamlet, a advertira, logo no início da tragédia, dando as primeiras pistas do que poderia vir a acontecer.

“Afeição! Tolice! Estás falando como donzela ingênua e inconsciente de tais perigos... Por Deus! Vou ensinar-te. Acredito que sejas uma criança que tomou esses oferecimentos como salário verdadeiro, mas que, na verdade, não passa de moeda falsa.”

(Hamlet, W. Shakespeare, p. 217)

Esta ingenuidade de Ofélia parece tê-la perdido, após ter depositado, inconsequentemente, sua paixão sobre o jovem príncipe, parecia não haver outro remédio capaz de curar a jovem além da entrega a maior de todas as loucuras, o suicídio.

“O amor decepcionado em seu excesso, sobretudo o amor enganado pela fatalidade da morte, não tem outra saída a não ser a demência. Enquanto tinha um objeto, o amor louco era mais amor que loucura; abandonando a si mesmo, persegue a si próprio no vazio do delírio.”

(Foucault, Michel, História da Loucura (1978), p.38)



Quadro: A morte de Ofélia, de John Everett Millais.

Em Hamlet, a insanidade ainda se comporta como um caminho sem volta. Mesmo que ela seja proveniente da revelação de uma verdade, é uma verdade ainda muito forte para ser suportada pelos homens. O louco traça um caminho sem volta em direção à morte, e este é também o destino de Ofélia.

“Na obra de Shakespeare, são as loucuras que se aparentam com a morte e o assassinato... a loucura sempre ocupa um lugar extremo no sentido de que ela não tem recurso. Nada a traz de volta à verdade ou à razão. Ela opera apenas sobre o dilaceramento e, daí, sobre a morte... A alegria suave, enfim reencontrada por Ofélia, não a reconcilia com felicidade alguma.”

(Foucault, Michel, História da Loucura (1978), p.39)

No entanto, a loucura de Ofélia não parece prestar-se a uma análise tão simples. Um estudo mais cuidadoso da personagem nos leva a pensar que a jovem não enlouquecera apenas por amar demais. Ao contrário de uma visão romântica que, na maioria das vezes, a apresenta como uma donzela indefesa e pura, o que se percebe é uma mulher forte, que nem sempre permanece submissa ao pai, como fica claro na passagem em que Polônio a avisa sobre os perigos de encontrar-se com o príncipe Hamlet:

Polônio – Bem pensado, por minha fé! Disseram-me que, nos últimos tempos, tem tido contigo (Hamlet) frequentes conversas privadas e que tu, muito generosamente, o acolhias com muita complacência e liberalidade... Que existe entre vós? Confesse-me a verdade.

(Shakespeare, Hamlet, Cena III, Ato I p. 217)

Se compararmos Ofélia com outras mulheres de Shakespeare, como por exemplo, Pórcia (O Mercador de Veneza), ou Helena (Bem está quando bem acaba), notamos que é comum nelas algo de desafiador, de rompimento com o comportamento que se espera das mulheres à época de Shakespeare, de enfrentamento ao mundo de dominância masculina em que vivem.

Esta Ofélia, após perder o pai, que exercia sobre ela um controle legitimado socialmente pelos laços de sangue, e ter tido o amor rejeitado por Hamlet, pode ter resolvido desafiar o mundo em que vivia, com o discurso livre da interdição, justificando-se pela loucura, comete a maior das afrontas à sociedade cristã da qual faz parte, o suicídio.

2.2 A linguagem louca em Hamlet

Até aqui analisamos muitos aspectos relacionados à manifestação da loucura no caráter das personagens em Hamlet, no entanto, não podíamos deixar de abordar um aspecto de grande importância na construção da insanidade na peça, a linguagem usada por Shakespeare.

Hauser (1965: 423) afirma ser certo o fato de Shakespeare ser um escritor maneirista, logo em seguida atribui à escola um modo de se expressar complexo, o metaforismo sobrecarregado, a preferência pela afirmação indireta, assim como a propensão para o estranho e bizarro. Não há dúvida que estas características aparecem em Hamlet, mas o mais interessante é perceber que são justamente estes comportamentos, quando aparecem nas personagens da obra, que as caracterizam como loucos.

É a melancolia do príncipe, associada à fala carregada de metáforas que, aos olhos das demais personagens, constituem a sua imagem como a de um louco que inspira cuidados, como reconhece Polônio, após uma conversa com o príncipe:

Embora seja pura loucura, há sensatez no que diz...

(Shakespeare, Hamlet, p. 237)

E continua,

Como são, às vezes, engenhosas as respostas dele! Felicidade que só acontece com a loucura e que nem a mais sã razão e lucidez poderiam atingir com tanta sorte.

(Shakespeare, Hamlet, p. 237)

Ainda sobre a importância que se dava a palavra do louco, vejamos o que nos diz Foucault:

É curioso constatar que durante séculos na Europa a palavra do louco não era ouvida, ou então, se era ouvida, era escutada como uma palavra de verdade. Ou caía no nada - rejeitada tão logo proferida; ou então nela se decifrava uma razão ingênua ou astuciosa, uma razão mais razoável do que a das pessoas razoáveis. De qualquer modo, excluída ou secretamente investida pela razão, no sentido restrito, ela não existia. Era através de suas palavras que se reconhecia a loucura do louco; elas eram o lugar onde se exercia a separação; mas não eram nunca recolhidas nem escutadas.

(Foucault, A ordem do discurso, p. 11, 1971)

Para Foucault, a interdição do louco nasce na linguagem, diz ele que a interdição da linguagem geralmente está ligada à disputa pelo poder e à sexualidade; reconhece, porém, outro princípio de exclusão, a oposição entre razão e loucura.

Existe em nossa sociedade outro princípio de exclusão: não mais a interdição, mas uma separação e uma rejeição. Penso na oposição razão e loucura. Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato.

(Foucault, A ordem do discurso, p. 11, 1971)

Se o Rei Cláudio usa a loucura como ferramenta de exclusão, tentando desacreditar o discurso do sobrinho perante o povo da Dinamarca, Hamlet já faz dela outro uso, é ela quem deve revelar a verdade.

Pode ocorrer também, em contrapartida, que se lhe atribua (à loucura), por oposição a todas as outras, estranhos poderes, o de dizer a verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda a ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber.

(Foucault, A ordem do discurso, p. 11, 1971)

2.3. Outros loucos em Shakespeare e sua relação com Hamlet

2.3.1. Shylock, O mercador de Veneza:

Shakespeare, no entanto, ao contrário do que diz Foucault, não parece ignorar totalmente o lugar intermediário da loucura, se em Hamlet ela é sim um caminho sem volta, em O Mercador de Veneza, ela já parece adiantar-se ao papel a ela atribuído pela literatura, de entidade capaz de autorizar o aparecimento da verdade e o posterior retorno da razão. A loucura de Shylock, que vai ao tribunal cobrar uma tira de carne de seu opositor, é capaz de nos revelar a fragilidade das relações humanas, as contradições e os defeitos do homem ficam expostos aos olhos de todos durante o julgamento.

2.3.2. Catarina, A megera domada:

Assim como em O mercador de Veneza, aqui a loucura também não é punida com a morte, porém, assim como Shylock, a megera, Catarina, acaba se rendendo, vencida pela norma estabelecida por aqueles que dominam a sociedade de sua época, a ordem social é reestabelecida.

Entre a heroína de personalidade forte, Catarina, e a meiga Ofélia, poder-se-ia encontrar dificuldade para estabelecer uma relação, de forma que me parece mais provável que a relação mais rica entre elas seja de oposição.

Uma oposição que conduz tanto uma quanto outra à loucura, Catarina por desafiar um mundo dominado por homens, Ofélia por amar demais. A luta entre a loucura e a razão então começa, mas não sem prejuízo para as duas, a forte Catarina acaba domada, sobrevive, mas deve aceitar que os homens são mais fortes. A frágil Ofélia sucumbe diante das tragédias que acometem a sua vida.

2.3.3. Lady Macbeth, Macbeth

Macbeth e sua esposa, Lady Macbeth, após receberem a profecia das três bruxas, que dizia que Macbeth seria rei, decidem fazer de tudo para que ela se cumprisse. Ela, no entanto, identifica no marido um ponto fraco:

Lady Macbeth - Já eras Glamis, e agora também és Cawdor, e serás o que te foi prometido. E, no entanto, amedronta-me a tua natureza: tão plena é ela do leito da bondade humana que não te permitirá tomar o primeiro atalho. Queres ser grande, e para isso não te falta ambição, mas careces da maldade que deve acompanhar esta ambição.

(Shakespeare, William, Macbeth, Cena IV, Ato I)

Como já mencionamos anteriormente, a maldade era muitas vezes associada à loucura no fim da Idade Média e início da renascença, e Lady Macbeth, assim como Cláudio dá o primeiro passo em direção à insanidade já em sua primeira fala, exposta acima. Há também outra semelhança entre ela e Cláudio, assim como ele, é ela quem desafia a ordem natural da sociedade, atenta contra a natureza - lembrando que nesta época o poder dos reis era tido como natural - e, com as próprias mãos, toca o sangue do rei moribundo e termina de assassiná-lo, espalhando o sangue sobre os camareiros, após ter articulado e encorajado o marido a matar o soberano.

Tal desafio às leis naturais não pode ficar impune, e, assim como as principais personagens de Hamlet, ela paga com a própria vida:

Macbeth - Ela teria de morrer, mais cedo ou mais tarde. Morta. Mais tarde haveria um tempo para essa palavra. Amanhã, e amanhã, e ainda outro amanhã arrastam-se nessa passada trivial do dia para a noite, da noite para o dia, até a última sílaba do registro dos tempos.

(Shakespeare, William, Macbeth, Cena V, Ato V)

A lembrança do rei morto, semelhante à imagem do próprio pai da senhora Macbeth enquanto dormia, atormenta-lhe tanto que ela acaba enlouquecendo. A morte, porém, não terá o triunfo total, leva um crânio vazio, como disse Foucault.

2.4. A natureza contraditória da loucura

O fato de a loucura ser tema recorrente tanto nas tragédias, quanto nas comédias, revela o quão contraditória é a sua natureza, que ora estava associada à revelação da verdade, como as denúncias feitas por Catarina, em a *Megeira domada*, ora estava ligada ao medo, ao caos, e deveria ser interdita, como na morte de Ofélia, ou ainda no discurso de Hamlet, que ameaçava a ordem na Dinamarca.

Se levarmos em consideração o pensamento medieval e renascentista, perceberemos que ela é tema de dúvida, oscila entre o que há de mais terrível, ou uma saída para vencer a morte. Sobre a representação cultural neste período, podemos entender melhor o seu significado se analisarmos as palavras de Bakhtin:

Ao universalismo e à liberdade do riso da Idade Média liga-se a sua terceira característica marcante: sua relação essencial com a verdade popular não-oficial.

(Mikhail Bakhtin, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, p. 78)

Shakespeare, mais do que ninguém, sabia disso, fazia peças para serem representadas, não apenas lidas, era um autor que escrevia para a grande massa, e podemos verificar momentos engraçados até mesmo em suas tragédias, o diálogo entre Hamlet e Polônio, na segunda cena do segundo ato, por exemplo, repleto de ironia e metáforas.

HAMLET: Bem, graças a Deus.

POLÔNIO: Conheceis-me, milorde?

HAMLET: Perfeitamente; sois um peixeiro.

POLÔNIO: Eu, não, milorde.

HAMLET: Pois quisera que fôsseis tão honesto.

POLÔNIO: Honesto, príncipe?

HAMLET: Sim, porque do jeito em que o mundo anda, ser honesto equivale a ser escolhido entre dez mil.

POLÔNIO: É muito certo isso, príncipe.

(Shakespeare, *Hamlet*, Cena II, Ato II)

É cantando, como se estivesse rindo do mundo, sem ter consciência, como nos revelam as palavras da própria rainha, que Ofélia enfrenta a sua desgraça e atira-se ao lago, ao encontro da morte.

Dissemos que o riso da Idade Média venceu o medo de tudo que é mais temível que a terra. Todas as coisas terríveis, não-terrestres, converteram-se em terra, isto é, em mãe

nutriz que devora para de novo procriar outra coisa, que será maior e melhor. Nada sobre a terra pode ser terrível, da mesma forma que nada pode sê-lo no corpo da mãe, com suas mamas nutritivas, sua matriz, seu sangue quente. O terrível terrestre: os órgãos genitais, o túmulo corporal, dissolve-se em voluptuosidades e em novos nascimentos.

(Mikhail Bakhtin, A cultura popular na Idade Média e no Renascimento, p. 79)

A loucura, no entanto, também é capaz de assustar, é elemento desestabilizador, capaz de romper a ordem social e conduzir à morte.

Na cultura clássica, o sério é oficial, autoritário, associa-se à violência, às interdições, às restrições. Há sempre nessa seriedade um elemento de medo e de intimidação. Ele dominava claramente na Idade Média. Pelo contrário, o riso supõe que o medo foi dominado. O riso não impõe nenhuma interdição, nenhuma restrição.

(Mikhail Bakhtin, A cultura popular na Idade Média e no Renascimento, p. 78)

É ela que, por vezes, aproxima o cômico e o trágico na obra de Shakespeare, como nos exemplos citados anteriormente, aproxima o autor de outros grandes nomes da arte medieval e renascentista, como Brueghel, que também utiliza a loucura e o grotesco para revelar a verdade. O mundo terrível e cômico, as imperfeições e falhas humanas, o inferno, os vícios etc. estão entre nós, aqui na terra.



Quadro: A Soberba, de Brueghel.

A confusão entre a razão e loucura, à época de Shakespeare, é algo que ainda é notável em diversas manifestações culturais, não era incomum que certas formas de “liberdade de pensar”, como diz Foucault, estivessem presentes e se confundissem com a insanidade.

No começo do século XVII, a libertinagem não era exclusivamente um racionalismo nascente: era igualmente uma inquietação diante da presença do desatino no interior da razão - um ceticismo cujo ponto de aplicação não era o conhecimento, em seus limites, mas a razão em seu todo. Citando La Mothe Le Vayer, diz que, toda nossa vida, bem considerada, não passa de uma fábula; nossos conhecimentos, bobagens; nossas certezas, contos: em suma, todo o mundo é uma farsa e uma eterna comédia.

(Foucault, Michel, *História da Loucura* (1978), p.100)

Ao pensarmos nas palavras de Foucault, dificilmente podemos deixar de lembrar o célebre discurso de Hamlet:

HAMLET: Ser ou não ser... Eis a questão. Que é mais nobre para a alma: suportar os dardos e arremessos do fado sempre adverso, ou armar-se contra um mar de desventuras e dar-lhes fim tentando resistir-lhes? Morrer... dormir... mais nada... Imaginar que um

sono põe remate aos sofrimentos do coração e aos golpes infinitos que constituem a natural herança da carne, é solução para almejar-se. Morrer..., dormir... dormir... Talvez sonhar... É aí que bate o ponto. O não sabermos que sonhos poderá trazer o sono da morte, quando alfim desenrolarmos toda a meada mortal, nos põe suspensos. É essa idéia que torna verdadeira calamidade a vida assim tão longa! Pois quem suportaria o escárnio e os golpes do mundo, as injustiças dos mais fortes, os maus-tratos dos tolos, a agonia do amor não retribuído, as leis amorosas, a implicância dos chefes e o desprezo da inépcia contra o mérito paciente, se estivesse em suas mãos obter sossego com um punhal? Que fardos levaria nesta vida cansada, a suar, gemendo, se não por temer algo após a morte - terra desconhecida de cujo âmbito jamais ninguém voltou - que nos inibe a vontade, fazendo que aceitemos os males conhecidos, sem buscarmos refúgio noutros males ignorados? De todos faz covardes a consciência. Desta arte o natural frescor de nossa resolução definha sob a máscara do pensamento, e empresas momentosas se desviam da meta diante dessas reflexões, e até o nome de ação perdem.

(Shakespeare, Hamlet, Cena I, Ato III)

É a loucura, que mais uma vez mistura-se à razão, confundindo a tênue linha que separa uma da outra.

Não é mais possível estabelecer uma divisão entre o sentido e a loucura; apresentam-se conjuntamente, numa unidade indecifrável em que podem passar indefinidamente de um para outro.

(Foucault, Michel, História da Loucura (1978), p.100)

É na cena final de Hamlet que a grande batalha entre a loucura e a razão é travada, é nesta cena que a verdade finalmente é revelada. Batalha esta que não é travada apenas diante dos olhos de todos, entre as personagens, mas também internamente, como um conflito interno destas personagens, como fica claro no discurso de Hamlet:

Aquilo que fiz, que pudesse irritar pela rudez, vosso bom natural, vossa honra, vossa distinção, aqui declaro, foi ato de loucura. Foi Hamlet quem ultrajou Laertes? Nunca Hamlet. Se Hamlet estava fora de si e, não sendo ele mesmo, ofende Laertes, não é Hamlet quem faz semelhante coisa: Hamlet a renega. Quem o faz então? sua loucura, e sendo assim, Hamlet é da facção ofendida, sendo sua loucura inimiga do pobre Hamlet.

(Shakespeare, Hamlet, Ato V, Cena II)

Mas Hamlet não inaugura este conflito, ele já existia na cabeça do homem clássico, como fica claro nas palavras de Foucault:

Aliás, estava ele em estado de graça quando se tornou louco? Sem dúvida nenhuma, o louco será salvo, seja o que for que tenha feito durante sua loucura: sua alma esteve afastada durante esse tempo, protegida da doença e preservada, pela própria doença, do mal. A alma não está suficientemente comprometida na loucura para pecar nela.

(Foucault, Michel, História da Loucura (1978), p.210)

A tétrica taça que dança entre as personagens é uma das armas da razão com intuito de restituir a ordem, junto com os floretes usados na luta, traz a renovação.

Também nas tragédias do começo do século XVII a loucura era desenlace do drama; mas este desenlace era feito libertando a verdade. Ela se abria ainda para uma linguagem, para a linguagem renovada, a da explicação e do real conquistado. Ela só podia ser, no máximo o penúltimo momento da tragédia.

(Foucault, Michel, História da Loucura (1978), p.248)

Depois desta revelação para o último momento, Shakespeare nos oferece a chegada do príncipe guerreiro, Fortimbrás, é ele que, aprovado pelo próprio Hamlet, terá o papel de restituir a ordem ao reino da Dinamarca, deixando de lado a loucura que se apoderara da região, como nas palavras do próprio Horácio:

Assim ouvireis falar de atos incestuosos, sanguinários e monstruosos; de julgamentos precipitados, de mortes casuais, de mortes causadas pela astúcia ou pela violência, e, como remate, de conspirações frustradas, caindo por descuido nas cabeças dos instigadores. Tudo isto posso fielmente relatar.

(Shakespeare, Hamlet, Ato V, Cena II)

A loucura cumprira seu papel, fora capaz de revelar a verdade e agora deveria desaparecer, dando lugar à razão.

O movimento próprio do desatino, que o saber clássico seguiu e perseguiu, já havia cumprido a totalidade de sua trajetória na concisão da palavra trágica. Após o que, o silêncio podia imperar e a loucura desaparecer na presença, sempre afastada, do desatino.

(Foucault, Michel, História da Loucura (1978), p.248)

Ou em outras palavras, como dissera o próprio Hamlet:

Ó Horácio, estou morrendo! O poderoso veneno está subjugando completamente meu espírito. Não posso viver o bastante para escutar as novas da Inglaterra, mas profetizo a eleição de Fortimbrás; tem a favor dele meu voto moribundo. Diz-lhe isso, bem como todos os incidentes, grandes e pequenos que me impeliram... O resto é silêncio.

(Shakespeare, Hamlet, Ato V, Cena II)

O mais curioso é que também a morte parece ser capaz de levar a cabo o símbolo máximo da razão na obra, Hamlet. Sobre isso, e antes de concluirmos precipitadamente que o príncipe possa estar imerso em loucura, vejamos o que nos diz Bloom:

Hamlet conhece a lição que ensinou a Emerson: “Assim como as preces dos homens são uma doença da Vontade, suas crenças são uma doença do Intelecto.”... Montaigne aconselha-nos a não nos preocuparmos com a preparação para a morte, pois saberemos muito bem fazê-lo, chegada a hora. Na prática, esta é a postura de Hamlet. O silêncio é o aspecto mais evidente daquilo que nos aguarda, mas Hamlet é tudo menos um protagonista silencioso... Para Hamlet silêncio é aniquilamento... Somente o aniquilamento é alternativa para a auto-escuta, pois nada mais poderá deter o espantoso talento de Hamlet para a conscientização.

(Harold Bloom, Hamlet, Poema ilimitado, p. 110, 2004)

2.5. Loucura x razão em Hamlet

Como podemos ver, diferenciar loucura e razão nem sempre é tarefa fácil. Na obra de Shakespeare, especialmente, Hamlet, este trabalho, por vezes, parece ainda mais difícil. Algumas das atitudes do príncipe, que a princípio parecem estar ao lado da razão, mostram-se a serviço da loucura, como percebemos ao longo deste estudo. Já o Rei Cláudio, que instaura a desordem ao assassinar o irmão, e em uma primeira análise poderia ser considerado insano, mostra-se extremamente racional, se pensarmos que ele passa a peça inteira tentando defender a nova ordem vigente.

Sobre a oposição entre loucura e razão, Foucault diz que

a razão assume a loucura, delimita-a, toma consciência dela e pode situá-la.

Onde, pois, situá-la (a loucura) senão na própria razão, como uma de suas formas e talvez um de seus recursos? Sem dúvida, entre formas de razão e formas de loucura, grandes são as semelhanças. E inquietantes: como distinguir, numa ação prudente, se ela foi cometida por um louco, e como distinguir, na mais insensata das loucuras, se ela pertence normalmente a um homem normalmente prudente e comedido?

(Foucault, Michel, *História da Loucura* (1978), p.34)

Não temos por objetivo neste trabalho estabelecer o limite exato entre loucura e razão, ou seja, onde uma começa e a outra acaba, creio que seja mais válido aqui problematizar a questão, levantar dúvidas onde possam existir certezas, evitando julgamentos precipitados. Cláudio seria o homem comedido que comete um ato de loucura? Hamlet seria mesmo o responsável por reestabelecer a ordem no Reino da Dinamarca? O certo é que em ambos a loucura e razão se confundem em boa parte da obra.

3. Considerações finais

A partir do assassinato do Rei pelo próprio irmão, a desordem se instaura no reino da Dinamarca. Hamlet, o príncipe seu filho, acredita que é responsável pela restituição da ordem e por vingar a morte do pai, com esta ideia fixa na cabeça, começa então o embate entre a razão e a loucura.

Sobre uma ideia fixa, que pode levar à melancolia, Foucault diz que conduz à formação de um discurso.

Esse discurso, em sua lógica invoca a si as crenças mais sólidas, avançando por raciocínios e juízos que se encadeiam; é uma espécie de razão em ato. Em suma, sob o delírio desordenado e manifesto reina a ordem de um delírio secreto. Neste segundo delírio, que é, num certo sentido, pura razão, razão libertada de todos os ouropéis exteriores da demência, colhe-se a paradoxal verdade da loucura.

(Foucault, Michel, *História da Loucura* (1978), p.235)

Esta ideia fixa, que conduz à loucura e à contradição dentro de um mesmo indivíduo, é comum na literatura. Um exemplo notável está em *O Alienista*, de Machado de Assis. Simão Bacamarte, assim como Hamlet, possui uma ideia fixa, e em nome dela, julga louco todo aquele

que não se enquadra em sua teoria, aplicando inclusive um método racional, científico, para chegar às suas conclusões. No entanto, como afirmou Foucault, no discurso da razão podemos colher a paradoxal verdade da loucura, e Bacamarte conclui então que o verdadeiro louco é ele, que se desvia das normas estabelecidas pela sociedade em que vive. É assim também com Hamlet, que busca restituir a razão à Dinamarca, mas entra em discordância com as regras estabelecidas pela nova sociedade.

Esta contradição, capaz de instaurar dois ou mais discursos dentro de um mesmo indivíduo, é diversas vezes identificada no príncipe Hamlet. Assim sendo, a loucura, que se instaura com a desordem promovida por Cláudio, encontra em Hamlet um oponente, mas também um aliado. Um inimigo combativo, que se vê disposto a revelar a verdade, e para isso é capaz de usar a própria insanidade como isca - a saber o episódio em que se finge de louco e organiza uma peça de teatro para desmascarar o rei - mas também um aliado de temperamento instável, suscetível às variações da idade e das paixões.

É Hamlet quem detecta a desordem e usa os mais diversos artifícios racionais para combatê-la; metáforas, armadilhas, troca de cartas etc. No entanto, é a sua instabilidade, provocada por uma ideia fixa, que o faz cometer um grande desatino, o assassinato de Polônio, talvez o único ato de desatino cometido por ele. É essa instabilidade, aliada a este crime, que fazem com que Ofélia enlouqueça.

O certo é que Hamlet só pode ser considerado louco por ser racional demais, e essa até pode ser uma leitura possível, dentro da natureza contraditória da loucura. Poucos são os momentos em que a razão lhe escapa, como no assassinato de Polônio. Bloom (2004 p. 109) afirma que Shakespeare leu Montaigne. Vimos que Montaigne, ao visitar o sábio Tasso, passa a ter dúvidas sobre o limite entre a loucura e a razão, então é provável que de alguma forma isso tenha influenciado o dramaturgo. No entanto, não há como fazer tal afirmação, o que parece claro é a excepcional racionalidade de Hamlet.

No final, a verdade vem à tona, revelada após sucessivas atrapalhões e armadilhas malsucedidas por parte de Cláudio. A revelação vem seguida pela morte dos envolvidos, Gertrudes, Cláudio, Laertes e o próprio Hamlet. Assim a podridão é limpa da Dinamarca, a vida no Reino pode voltar ao normal, o jovem príncipe, Fortimbrás, pode reinar e garantir a ordem.

4. Referências

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais - Mikhail Bakhtin: tradução de Yara Frateschi Vieira - São Paulo: HUCITEC; [Brasília]: Editora da Universidade de Brasília, 1987.
- BLOOM, Harold, Hamlet, Poema ilimitado - Harold Bloom – Rio de Janeiro: Editora Objetiva LTDA, 2004.
- CALVINO, Ítalo. O cavaleiro inexistente - Ítalo Calvino; tradução Nilson Moulin. - São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ERASMO, Desidério. Elogio da loucura - Desidério Erasmo; tradução de Paulo Neves. - Porto Alegre: L&PM, 2008. 144p. (Coleção L&PM Pocket)
- FOUCAULT, Michel. A História da Loucura na Idade Clássica. Tradução de José Teixeira Coelho Netto, 1978. São Paulo, Perspectiva
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso, aula inaugural no Collège de France, pronunciada em e de dezembro de 1970 - Michel Foucault, publicado em 1971: tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996
- HELIODORA, Bárbara. A expressão dramática do homem político em Shakespeare - Bárbara Heliodora. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- HOUSER, Arnold. A crise da renascença e o surgimento da arte moderna, 1965. Arnold Houser. Tradução J. Guinsburg e Magda França. São Paulo, SP, Brasil: Editora Perspectiva, 1993
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. O alienista. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010
- RIMBAUD, Arthur. Uma estadia no inferno, poemas escolhidos e a carta do vidente. Tradução de Daniel Fresnot. São Paulo, SP, Brasil: Editora Martin Claret, 2005.
- SHAKESPEARE, William: A megera domada - William Shakespeare; traduções de Millôr Fernandes. - Porto Alegre: L&PM Pocket, 1998.

SHAKESPEARE, William: Hamlet, Príncipe da Dinamarca in Romeu e Julieta; Macbeth; Hamlet, príncipe da Dinamarca; Otelo, o Mouro de Veneza - William Shakespeare; traduções de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes; sinopses, dados históricos e notas de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros. - São Paulo: Abril Cultural, 1981.

SHAKESPEARE, William: Macbeth - William Shakespeare; traduções de Beatriz Viégas-Faria. - Porto Alegre: L&PM Pocket, 2005.

SHAKESPEARE, William: Sonho de uma noite de verão e O mercador de Veneza - William Shakespeare; traduções de Carlos Alberto Nunes. - São Paulo, SP, Brasil: Edições Melhoramentos, 1998.

VANDRESON, Daniel Salésio. O discurso como um elemento de articulação entre a arqueologia e a genealogia de Michel Foucault. Daniel Salésio Vandreson. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, PR, Brasil, 2008.